A RESSURREIÇÃO NOS ATOS DOS APÓSTOLOS

José Comblin

Introdução

O testemunho dos apóstolos, de acordo com o livro dos Atos, tem um só tema: Jesus ressuscitou. Esta é a boa-nova, a palavra de Deus, a mensagem a ser anunciada aos judeus e aos gentios.

O autor dos Atos usou vários documentos escritos, assim como tradições orais, para redigir o seu livro. Desta maneira, várias vezes ele transmite dados doutrinais que estavam nas suas fontes sem corrigi-los ou sem adaptá-los à sua própria doutrina. Aqui, o que nos interessa é a mensagem do autor do livro.

A maneira mais segura para conhecer a doutrina do autor é partir dos textos que com toda certeza foram escritos por ele e refletem o seu pensamento próprio. Entre esses textos estão com certeza os discursos. Pois todos os historiadores antigos redigiram discursos que colocaram na boca dos seus heróis. Nesses discursos eles colocavam a sua ideologia. O autor dos Atos não podia fazer de outra maneira.

Trata-se sobretudo dos discursos de Paulo. Pois, para os discursos de Pedro na parte que descreve a vida da primeira comunidade, alguns elementos podem proceder de uma antiga tradição litúrgica ou catequética das comunidades primitivas. Quanto aos discursos de Paulo, não havia nenhuma tradição e o autor dos Atos inventou tudo, assim como faziam os historiadores antigos, que colocavam discursos da sua autoria na boca dos seus heróis e os usavam para expressar a sua própria mensagem. Por isso, os discursos de Paulo serão o nosso ponto de partida.

1. O anúncio da ressurreição nos discursos de Paulo

Começamos com o discurso de Atenas. De modo geral os comentadores reconhecem que esse discurso, que ocupa o centro do livro, representa sinteticamente a mensagem do autor do livro. É o momento culminante da missão de Paulo e o centro da história da Igreja antiga na visão do autor, visão que a tradição atribui a Lucas.

O discurso de Atenas está orientado para a proclamação final:

> *E eis que Deus, sem levar em conta esses tempos de ignorância, anuncia agora aos homens que todos, e em toda parte, têm de se converter. Com efeito, ele fixou um dia em que deve julgar o mundo com justiça, pelo homem que designou, conforme a garantia que deu a todos, ressuscitando-o de entre os mortos* (At 17,30-31).

Eis a mensagem que Paulo queria proclamar. Nesse momento vem a reação dos ouvintes.

Às palavras "ressurreição dos mortos" uns zombavam, outros declararam: *Nós te ouviremos sobre isso noutra ocasião*. Foi assim que Paulo os deixou. Alguns, no en-

tanto, tinham aderido a ele e abraçado a fé, entre eles Dionísio, o Areopagita, uma mulher chamada Dâmaris, e outros mais (17,32-34).

Alguns comentadores entenderam que na mente do autor esse discurso de Atenas tinha sido uma derrota de Paulo. Davam como explicação que, depois do fracasso no meio dos sábios e doutores em Atenas, Paulo teria achado uma compensação entre os pobres trabalhadores de Corinto.

Ora, quando se trata de entender a mensagem do autor, é sumamente improvável que ele tivesse colocado no centro do livro um fracasso de Paulo. Se bem que vários atenienses não aceitaram o discurso do apóstolo, o que vale é que o discurso teve efeito entre os pagãos porque vários deles aderiram, entre eles algumas pessoas importantes que merecem que se lhes mencione o nome. O discurso de Atenas não foi um fracasso, mas foi o momento culminante em que Paulo enfrentou o mundo inteiro com a proclamação da ressurreição de Jesus, provocando uma divisão no auditório, mas também a fundação da fé cristã no meio dos pagãos, inclusive na tradicional cidadela do pensamento grego.

Se quiséssemos conhecer a mensagem do próprio Paulo, teríamos que confessar que é sumamente improvável que Paulo tenha podido pronunciar tal discurso. Pois este discurso exalta de alguma maneira o pensamento grego, citando inclusive um poeta grego (17,28), e expressa uma opinião positiva da situação religiosa de Atenas, o que com certeza corresponde ao pensamento do autor dos Atos. Mas o verdadeiro Paulo achava que toda a sabedoria dos gregos era loucura aos olhos de Deus.

Paulo tinha consciência de que a sua missão era *anunciar o evangelho sem recorrer à sabedoria do discurso* (1Cor 1,17). De fato, nas epístolas nunca invoca o testemunho da sabedoria grega, nunca pede apoio aos filósofos pagãos. Segundo Paulo *Deus tornou louca a sabedoria do mundo* (1Cor 1,20). *Com efeito, pois o mundo, por meio da sabedoria, não conheceu a Deus na sabedoria de Deus* (1Cor 1,21).

Porém, aqui não estamos procurando o pensamento de Paulo e sim o do autor dos Atos dos Apóstolos que é, evidentemente, diferente no que diz respeito à filosofia e à sabedoria dos gregos. Em todo caso, para o autor dos Atos o discurso de Atenas foi uma proclamação da ressurreição de Jesus no centro do pensamento antigo, no centro da cultura e da religião dos povos pagãos. E essa mensagem foi aceita por um grupo, embora minoritário, que, com certeza, já é o início da vitória de Cristo ressuscitado.

Outros discursos fundamentais para entender a doutrina do autor são os discursos nos quais Paulo justifica a sua missão. Pois, nessa oportunidade, não deixa de expressar o que ele entende por sua missão. Estamos no momento do processo que os judeus fazem a Paulo. Paulo compareceu diante do Sinédrio e aí fez uma declaração. Era a oportunidade para explicitar o que ele ensinava e provocava tanta ira por parte de opositores. Ora, para resumir o seu pensamento de uma maneira que os judeus pudessem entender, ele diz simplesmente: *Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus; é pela nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado* (At 23,6). Claro está que Paulo apresenta um argumento *ad hominem*. No entanto não poderia concentrar toda a sua doutrina no tema da ressurreição dos mortos, se a ressurreição de Jesus não fosse de fato o centro, e de qualquer maneira a totalidade da sua mensagem.

Poucos dias depois, diante do governador Félix, Paulo repete o mesmo argumento: *Tenho esta esperança em Deus – eles também a compartilham – de que haverá uma ressurreição dos justos e dos injustos* (At 24,15). *Ou então digam os que estão aqui que delito descobriram quando compareci perante o Sinédrio. Seria acaso esta única frase que eu gritei de pé no meio deles: "é pela ressurreição dos mortos que sou submetido a juízo hoje diante de vós?"* (At 24,21). De novo, na mente do autor, a mensagem de Paulo refere-se à ressurreição. Paulo é o proclamador da ressurreição.

No discurso perante Agripa, Paulo repete o mesmo argumento:

> *E hoje, se sou denunciado perante a justiça, é pela esperança na promessa que Deus fez aos nossos pais... é por essa esperança, ó rei, que eu fui acusado pelos judeus. Por que se julga incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?* (At 26,6-8).

Mais adiante Paulo evoca a sua vocação de testemunha de Cristo.

> *É assim que um dia eu ia a Damasco com plenos poderes e mandato especial dos sumos sacerdotes. Eu estava a caminho, ó rei, quando, por volta do meio-dia, vi descer do céu, mais resplandecente do que o sol, uma luz que me envolveu em seu brilho, bem como aos meus companheiros de viagem. Nós todos caímos por terra e eu ouvi uma voz que me dizia em língua hebraica: "Saulo, Saulo, por que me persegues? É duro para ti recalcitrar contra o aguilhão!" Eu respondi: "Quem és tu, Senhor?" O Senhor continuou: "eu sou Jesus; é a mim que tu persegues! Mas põe-te em pé. Eis por que te apareci: destinei-te para seres servo e testemunha da visão em que acabas de me ver, assim como das visões nas quais eu te aparecerei ainda"* (At 26,12-16).

Paulo conclui:

> *Firmado na proteção de Deus, até este dia, continuo a dar testemunho diante de pequenos e grandes; os profetas e Moisés predisseram o que devia acontecer, e eu não digo nada além disso: Cristo sofreu, e ele, o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, deve anunciar a luz ao Povo e às nações pagãs* (At 26,22-23).

A partir destes discursos, podemos entender de que fala Paulo no final do livro quando em Roma se reúne com a comunidade dos judeus.

> *Em sua exposição, Paulo dava testemunho do reinado de Deus e, de manhã à tarde, esforçava-se por convencê-los, falando de Jesus a partir da lei de Moisés e dos profetas* (At 28,23).

Comparando com At 26,22, o sentido está claro: Paulo procurava convencer os judeus da ressurreição de Jesus. Pois essa era a sua mensagem e o seu testemunho.

Na conclusão do livro vemos de novo Paulo *proclamando o Reinado de Deus e ensinando o que concerne ao Senhor Jesus Cristo* (At 28,31). O que concerne ao Senhor Jesus Cristo é a sua ressurreição.

O lugar central da ressurreição aparece também nos discursos anteriores durante as viagens. Em Tessalônica, na sinagoga dos judeus, Paulo, *a partir das escrituras, ex-*

plicava que o messias devia sofrer, ressuscitar dos mortos e, dizia ele, "o Messias é este Jesus que eu vos anuncio!" (At 17,3).

Anteriormente, em Antioquia da Pisídia, o autor dos Atos mostra Paulo falando na sinagoga e dando o seu testemunho:

> *A população de Jerusalém e seus chefes não reconheceram Jesus; e, condenando-o, cumpriram as palavras dos profetas que se lêem todos os sábados. Sem ter achado nenhum motivo para o matar, pediram a Pilatos que o fizesse perecer e, como tivessem cumprido tudo o que estava escrito a seu respeito, desceram-no do madeiro e o depositaram num túmulo. Mas Deus o ressuscitou dos mortos e ele apareceu durante vários dias aos que haviam subido com ele da Galiléia para Jerusalém; estes são agora as suas testemunhas perante o povo! Nós também vos anunciamos esta Boa-Nova: a promessa feita aos pais, Deus a realizou plenamente em favor de nós, seus filhos, quando ressuscitou Jesus, como está escrito no salmo, etc.* (At 13,26-33).

Aqui aparece claramente a equivalência entre a ressurreição de Jesus e a Boa-Nova, como também a promessa dos profetas. A Boa-Nova é que Jesus ressuscitou, realizando as profecias.

Por isso podemos pensar que cada vez que o autor usa a fórmula "evangelho", "Boa-Nova", "evangelizar" (At 14,7.15.21; 15,7; 16,10), ele se refere ao testemunho da ressurreição de Jesus.

2. A mensagem da ressurreição fora dos discursos de Paulo

À luz dos discursos de Paulo podemos entender melhor o sentido que o autor dos Atos atribui aos outros textos que nos falam da ressurreição.

Estêvão foi apedrejado pelos judeus. Mas ele *viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à destra de Deus* (At 7,55-56). Estêvão viu Jesus ressuscitado.

Mais adiante Filipe foi chamado ao encontro do eunuco da rainha da Etiópia. *Anunciou-lhe a Boa-Nova de Jesus* (At 8,35). Sem dúvida anunciou-lhe a ressurreição de Jesus. Mais tarde Filipe *anunciava a Boa-Nova em todas as cidades por onde passava até chegar a Cesaréia* (At 8,40). Sempre é a Boa-Nova da ressurreição de Jesus.

O livro dos Atos narra a vocação de Paulo no caminho de Damasco.

> *Ele se aproximava de Damasco, quando, de repente, uma luz vinda do céu o envolveu com o seu brilho. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" – Quem és tu, Senhor?, perguntou ele. – Eu sou Jesus, é a mim que persegues* (At 9,3-5).

De novo o momento central da missão de Paulo é a revelação de Jesus ressuscitado. Explicando o acontecido aos judeus de Jerusalém, Barnabé contou como, no caminho, ele vira o Senhor, que lhe falara" (At 9,27). O que aconteceu no caminho de Damasco foi uma visão de Jesus ressuscitado.

O tema da ressurreição está também no centro dos discursos de Pedro. No entanto, parece que aqui houve interferência de uma tradição antiga. Nos discursos de Pedro

a mensagem da ressurreição vem como segunda parte de uma fórmula binária. Na primeira parte o apóstolo denuncia a rejeição dos judeus que levaram Jesus à condenação e à morte da cruz. Há um desenvolvimento amplo do tema da paixão e da morte de Jesus com uma acusação aos judeus. Na segunda parte o anúncio da ressurreição aparece como a resposta de Deus à morte de Jesus. Os chefes do povo mataram Jesus, mas Deus o ressuscitou. Não é simplesmente um anúncio de Jesus ressuscitado, mas a proclamação da justiça de Deus: os homens mataram Jesus, mas Deus lhe restituiu a vida. A insistência está na justiça de Deus. Este é um tema que provavelmente vem de uma tradição antiga, vinda da época em que o evangelho foi apresentado numa polêmica com os líderes do judaísmo. Quando foi isto? Os comentadores discutem e não vamos resolver esse debate.

Em todo caso, esta oposição morte-ressurreição é acolhida pelo autor do livro dos Atos como dado tradicional que lhe vem provavelmente de documentos escritos ou orais e não pertence à sua própria mensagem. O que o interessa pessoalmente é a proclamação da ressurreição: Jesus está vivo.

Além disso, o discurso de Pedro contém também um resumo da vida terrestre de Jesus antes de chegar ao binômio morte-ressurreição.

> *Jesus, o Nazareu, homem que Deus tinha acreditado junto de vós, operando por ele milagres, prodígios e sinais no meio de vós, esse homem, segundo o plano bem-determinado da presciência de Deus, vós o entregastes e suprimistes, fazendo-o crucificar pelas mãos dos ímpios; mas Deus o ressuscitou, livrando-o da morte... Este Jesus, Deus o ressuscitou, disso nós todos somos testemunhas... Que toda a casa de Israel saiba com certeza: a esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo* (At 2,22-36).
>
> *O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou o seu Servo Jesus que vós entregastes e rejeitastes na presença de Pilatos, que estava decidido a soltá-lo. Vós rejeitastes o Santo e Justo, e reclamastes para vós o agraciamento de um assassino. Mas o Príncipe da vida que vós havíeis matado, Deus o ressuscitou dos mortos – disso nós somos testemunhas* (At 3,13-15).

Pedro e João foram convocados no Sinédrio para justificar a cura do aleijado do templo. Assim diz Pedro: *é pelo nome de Jesus Cristo, o Nazareu, crucificado por vós, ressuscitado por Deus* (At 4,10).

Mais adiante diante do Sinédrio Pedro repete: *O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus, que vós matastes suspendendo-o no madeiro* (At 5,30).

Em todos os casos a ressurreição é o objeto do testemunho dos apóstolos. A tarefa dos apóstolos é ser testemunha da ressurreição de Jesus. No discurso de Pedro a Cornélio os mesmos temas reaparecem:

> *E nós somos testemunhas de toda a obra no território dos judeus, como em Jerusalém. Ele, que os judeus suprimiram suspendendo-o no madeiro, Deus o ressuscitou ao terceiro dia e lhe deu manifestar a sua presença, não ao povo em geral, mas a testemunhas designadas de antemão por Deus* (At 10,39-41).

Nos discursos de Pedro o testemunho tem também por objeto a vida terrestre de Jesus. No entanto esse tema não parece muito destacado no livro dos Atos que nos textos próprios somente destaca o tema da ressurreição.

3. O sentido concreto da ressurreição

Jesus ressuscitado manifesta-se da maneira mais concreta e mais material. Diz Pedro: *nós comemos e bebemos com ele após a sua ressurreição* (At 10,41). A sua força manifesta-se pela cura do aleijado, fato evidente e constatado por todos (At 4,10).

Estêvão vê Jesus com os próprios olhos (At 7,55). Paulo também vira o Senhor (At 9,27). O próprio Paulo afirma que na visão de Damasco e nas outras visões ele viu Jesus (At 26,16).

Por isso o testemunho dos missionários tem sempre por objeto algo muito concreto. Não se trata de dar testemunho de um pensamento, de uma experiência interna, de uma doutrina, mas de algo concreto: de ter visto com os olhos Jesus ressuscitado.

Depois da primeira geração tal testemunho se tornou impossível. Ninguém mais viu materialmente Jesus ressuscitado. Daí pode resultar um certo idealismo, a transformação da evangelização numa expressão de doutrina, de idéias, de palavras sobre Jesus, mas sem o caráter concreto e imediato que teve a pregação dos primeiros apóstolos.

Haverá uma possibilidade de atenuar essa deficiência? Não podemos excluir esse caminho. Se não podemos ver Jesus ressuscitado, podemos ver os efeitos do Espírito Santo enviado por ele. Podemos ainda ver o que ele faz e dar testemunho daquilo que vemos e ouvimos. Por isso é preciso que haja algo para ver e para ouvir.

Nos últimos séculos, sem dúvida, houve uma intelectualização da catequese, que deixou de ser testemunho pessoal de algo visto e ouvido, para ser explicação de idéias, quase ensino escolar. A catequese imitou os métodos das escolas do tempo. Recentemente com os movimentos carismáticos exaltou-se a experiência religiosa pessoal até o ponto de fazer dela a norma. No entanto os movimentos católicos afirmam ao mesmo tempo a adesão à doutrina tradicional, mas a base da fé é a experiência pessoal subjetiva que se pretende ser a experiência do Espírito Santo.

Nos séculos passados, e até hoje, ao intelectualismo da religião oficial respondeu uma experiência religiosa nas aparições de Nossa Senhora. Tudo isso mostra a procura de um aspecto experimental na base da fé cristã. No entanto, de acordo com a tradição o que é experimental na fé é o efeito do Espírito Santo, em todos os carismas, não tanto nos carismas interiores ou subjetivos, mas principalmente nas obras produzidas pelo Espírito Santo na vida concreta das pessoas e da sociedade.

Por isso a evangelização é essencialmente testemunho: dizer o que a gente viu e ouviu. Não se trata de raciocinar, demonstrar, argumentar, fazer jogos de idéias, mas simplesmente dizer o que se vê e se ouve no concreto de uma experiência atual.

Porém o testemunho supõe que haja algo para ver ou algo para ouvir. Numa Igreja burocratizada ou formalizada, como tendeu a ser a Igreja dos últimos séculos, na realidade, não há nada para ver, nada para ouvir. Na rotina de uma vida paroquial, muitas vezes, não há nada para ver, nada para ouvir. Tudo é repetição formalizada dos mesmos gestos e das mesmas palavras.

4. Os títulos de Jesus

Pela sua ressurreição Jesus teve acesso a uma nova condição. A sua relação com a humanidade mudou. Esta nova condição se expressa pelos títulos que lhe são atribuídos. O autor dos Atos não explicita muito o conteúdo dos títulos. No entanto, está muito claro que lhes atribui a maior importância.

O título de Senhor (*Kyrios* em grego) tem na Bíblia tanta diversidade de sentidos como na nossa linguagem. É um título que se atribui a Deus, a um Santo, a uma personalidade importante na sociedade ou a qualquer cavalheiro. No entanto há um sentido básico que é comum: "senhor" significa sempre soberania, autoridade, superioridade. É um título que se usa para expressar homenagem, reconhecimento de dignidade, submissão. Nem sempre é fácil adivinhar qual é o grau de autoridade ou de soberania que se quer atribuir a uma pessoa com esse título.

Na Bíblia "Senhor" é o nome próprio e o título de Deus. Mas isto não quer dizer que cada vez que se encontra o título de senhor aplicado a uma pessoa, se quer dizer que essa pessoa é Deus. Tratando-se de Jesus, o título de Senhor lhe foi atribuído antes da ressurreição e depois da ressurreição. Tudo indica que o conteúdo foi diferente. Durante a vida mortal, os discípulos reconheciam que havia em Jesus uma evidente superioridade e por isso se dirigiam a ele como ao "senhor". Com isso eles queriam dizer que o reconheciam como guia, profeta, condutor da sua vida e queriam ser os seus seguidores. Provavelmente não queriam dizer mais do que isso.

Depois da ressurreição, o título de "senhor" significa certamente mais. Será que sempre os autores do Novo Testamento querem dizer com isso que Jesus é Deus? Não parece. Dizendo que Jesus foi feito "senhor" querem dizer provavelmente que Jesus adquiriu uma nova autoridade, uma verdadeira soberania mais total, mais radical do que a soberania que tinha antes. Soberania sobre o quê? Sobre o seu povo? Sobre a humanidade? Sobre o universo e a criação inteira? No céu e na terra? Em cada caso haverá que examinar.

Nos Atos dos Apóstolos, aparentemente, o sentido é que Jesus adquiriu autoridade suprema sobre o povo de Deus. É identificado com o Messias esperado pelos judeus, e como Messias é o condutor do seu povo. Já que todos os povos são chamados a entrarem no povo de Deus, a sua autoridade estende-se a todos os povos na medida em que entram no povo de Deus. Este parece ser o sentido dominante. Não devemos encontrar nele aqui uma afirmação da divindade de Jesus.

Que toda a casa de Israel saiba com certeza: a esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo (At 2,36). Aqui "Senhor" e "Cristo" são dois títulos muito próximos. Ambos se referem à dignidade de Messias, à dignidade de chefe do povo de Deus. Estão aí em oposição à rejeição por parte dos chefes de Israel. *Vocês o rejeitaram, mas Deus fez dele o seu chefe, o seu Messias.*

Outro texto em que se acha "Senhor", num sentido semelhante, é na boca de Estêvão na hora em que está morrendo: *Senhor Jesus, recebe o meu espírito* (At 7,59) e, logo em seguida: *Senhor, não lhes leves em conta este pecado!* (At 7,60).

Depois de ter acolhido Cornélio na Igreja, Pedro justifica-se diante dos colegas e da comunidade: *Se Deus concedeu a essas pessoas o mesmo dom gracioso que a nós, que temos crido no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para impedir a Deus de agir?* (At 11,17). Mais adiante, na reunião de Jerusalém, Pedro lembra: *Foi pela graça do Senhor Jesus, como cremos, que fomos salvos, exatamente como eles!* (At 15,11). O Senhor aqui é o soberano, o condutor, o salvador do povo, aquele que dá a salvação.

Em Filipos, Paulo batizou o seu carcereiro e toda a família: *Crê no Senhor Jesus e serás salvo* (At 16,31). "Senhor" quer dizer o exercício da soberania e do governo de Jesus: *Assim, pela força do Senhor, a palavra crescia e aumentava em poder* (At 19,20). Ser "senhor" é ter poder. Dizendo que Jesus é senhor, o autor dos Atos quer dizer que ele dirige com força e autoridade o seu povo, que vai conquistando o mundo e libertando-o com pleno poder e força.

Por isso o título de "salvador" é muito próximo, tendo praticamente o mesmo sentido. *Foi a ele que Deus exaltou por sua destra como Príncipe e Salvador, para conferir a Israel a conversão e o perdão dos pecados* (At 5,31). Paulo lembra as origens de Jesus: *Foi da sua descendência que Deus, segundo a sua promessa, fez sair Jesus, o salvador de Israel* (At 13,23).

Esse poder é simbolizado pelo "nome". O nome é o de Senhor Jesus ou Senhor Jesus Cristo. Esse nome representa a soberania de Jesus. *Graças à fé no nome de Jesus, este nome acaba de fortalecer esse homem* (At 3,16). *Não há sob o céu nenhum outro nome oferecido aos homens, que seja necessário à nossa salvação* (At 4,12). Paulo será *um instrumento por mim escolhido para dar testemunho do meu nome perante as nações pagãs* (At 9,15). *O perdão dos pecados é concedido por seu Nome a todo aquele que nele deposita a sua fé* (At 10,43). *Toda a população de Éfeso... celebraram a grandeza do Nome do Senhor Jesus* (At 19,17).

Juntamente com esses títulos está a atribuição do Espírito Santo. Jesus recebeu o Espírito Santo que doravante lhe permite exercer a sua soberania. *Exaltado assim pela destra de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e o derramou, como estão vendo e ouvindo* (At 2,33).

Já foi comentado muitas vezes que a obra de Lucas constitui uma história global do povo de Deus, dividindo esta história em três etapas. A primeira foi a longa preparação e a profecia de Jesus. A segunda foi o ministério de Jesus em Israel e a terceira parte mostra o início da forma definitiva do povo de Deus na terra, envolvendo todos os povos da terra. O tema fundamental é que Jesus é o grande condutor e guia desse povo, sobretudo depois de ressuscitado, porque então adquiriu a plenitude do poder que lhe permite ser o salvador do seu povo.

José Comblin
Centro de Formação Missionária
58385-000 Serra Redonda, PB